

INTERSECÇÃO ENTRE ENSINO DE LITERATURA E ARTES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A FUNÇÃO AUTORIA DO SUJEITO-ALUNO

Athirson de Carvalho Lima Cândido¹
Geice Kelly Vicente de Sousa²
Sarah Weida Sena Ferreira³
Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis⁴

RESUMO

Nosso trabalho objetiva apresentar uma intersecção entre ensino de literatura e artes sob a ótica da Análise do Discurso de viés na esteira de Foucault (2004; 2005; 2009). Deste modo, centramos o olhar sob o sujeito e a sua função autoria. A partir de um recorte feito do projeto de extensão realizado na Universidade Federal da Paraíba intitulado, “O(A) discente e a volta ao ensino presencial: uma análise sobre os processos de subjetivação para além do texto escrito”, selecionou-se um corpus-que compreende seis materialidades discursivas: três produções escritas e três transfigurações artísticas. Tais criações foram elaboradas por alunos do 9º ano de uma escola municipal de João Pessoa, a partir de uma oficina de escrita criativa na aula de Língua Portuguesa em que tivemos a presença da autora paraibana Maria Valéria Rezende. Imersos nessa experiência literária, os alunos produziram outro final para o conto “Vasto mundo” da autora mencionada, e mediante produções artísticas puderam materializar seus olhares sob essa nova versão, tomando a palavra discursiva como manifestação de sua função autoria. A análise mostrou que o texto, seja ele uma produção gráfica ou ilustrada, configura uma produção de sentido. Assim, contemplar espaços de diálogos e colaboração com outras disciplinas possibilita uma emancipação no processo de ensino-aprendizagem do sujeito-aluno, bem como permite perceber a relação simbiótica entre discurso-arte-educação.

Palavras-chave: Discurso, Ensino, Função autoria, Intersecções.

INTRODUÇÃO

A confluência entre o ensino da literatura e da arte, sob a lente de uma análise inspirada na abordagem discursiva de Foucault, proporciona um vasto campo de investigação para aprofundar a compreensão da função autoral do sujeito. Nesse cenário, a interação entre essas duas disciplinas revela-se como um terreno fértil, em que as narrativas literárias e as expressões artísticas se entrelaçam, criando um espaço dinâmico para a reflexão sobre a construção do discurso autoral.

¹Graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba, UFPB, athirson.carvalho19@hotmail.com.

²Graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba, UFPB, geice.kellyvicente@gmail.com.

³Graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba, UFPB, sarahweida7@gmail.com.

⁴Profa. Dra. do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Orientadora. assisedjane@hotmail.com.

Tendo como base essa perspectiva, nosso trabalho compreende um recorte do projeto de extensão intitulado, “O(A) discente e a volta ao ensino presencial: uma análise sobre os processos de subjetivação para além do texto escrito”, aplicado em turmas de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda (EMEF Aruanda) situada em João Pessoa, Paraíba. O propósito central do projeto em questão é perceber, por meio de leituras e do desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos, os intrincados processos vivenciados pelo sujeito no ambiente da sala de aula, com especial ênfase na compreensão de sua atuação e expressão por meio de textos – materialidades discursivas.

Assim, do acervo de pesquisa coletado pelo projeto de extensão selecionou-se 6 (seis) materialidades discursivas, sendo elas: 3(três) produções escritas e 3 (três) transfigurações artísticas, que foram frutos de uma oficina de escrita criativa, desenvolvida em uma das atividades elaboradas para as turmas durante a aplicação da extensão.

A atividade criativa teve origem em uma aula colaborativa, desenvolvida em parceria com a professora supervisora das turmas envolvidas como parte de um projeto didático-pedagógico. Esse projeto tinha como objetivo promover a expressão artística e literária dos alunos. A proposta partiu da renomada autora paraibana, Maria Valéria Rezende, que por sua vez, propôs aos alunos a tarefa de recriar o desfecho do conto “Vasto mundo”. Através das produções artísticas resultantes, os participantes puderam materializar suas opiniões na nova versão do conto, exercendo assim sua função autoral para expressar suas visões e desejos de verdade.

Como fundamentação teórica esta pesquisa baseou-se nos princípios da análise do discurso, principalmente na perspectiva foucaultiana. Com nossa análise mostraremos que as materialidades discursivas, sejam elas verbais ou não-verbais, desempenham um papel importante na construção do sentido. Dessa forma, promovemos um espaço de diálogo e colaboração interdisciplinar, enriquecendo assim o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e destacando a relação entre discurso, arte e educação. Mais especificamente, foram consideradas como base de nossa investigação as seguintes contribuições teóricas: Foucault (2004; 2005; 2009; 2014), Revel (2005; e Alves (2015).

Nesse contexto, esta pesquisa visa aprofundar nossa compreensão sobre a conexão entre literatura e arte, assim como aprimorar abordagens pedagógicas que possibilitem maior emancipação do sujeito-aluno no cenário educacional atual, tornando o discente protagonista dessa proposta de atividade. Para tanto, trouxemos teóricos como Cosson (2018); Petit (2010)

Assim sendo, nossa proposta encontra suas bases nas concepções teóricas destacadas anteriormente, valendo-se delas como alicerces para uma análise crítica sobre a interseção entre discurso, arte e educação.

O SUJEITO E A FUNÇÃO AUTORIA SOB O PRISMA FOUCAULTIANO

Para compreendermos o processo de reflexão sobre o qual esse trabalho se debruça, faz-se necessário um apanhado quanto aos principais objetos de estudo do discurso, sobretudo aqueles que serão mencionados no tópico de análise.

É reconhecido que na sociedade atual os discursos se propagam rapidamente, não é *qualquer indivíduo* que possui a autoridade para abordar *qualquer assunto*. Pensando nisso, Foucault faz uma separação entre a razão e a loucura, argumentando que “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância.” (Foucault, 2014.p. 11). Para ele esse fato é estabelecido, pois não se pode expressar opiniões sobre tudo e não se pode discutir qualquer assunto em qualquer contexto. Fazendo assim com que, por diversas vezes, tenha sua palavra e o seu discurso invalidado.

Foucault (2014) sustenta ainda a perspectiva de que o discurso não se limita à mera expressão de ideias ou informações, mas está vinculado ao exercício de poder e à construção do conhecimento. Sendo assim, o discurso não assume uma postura neutra; pelo contrário, encontra-se imerso em complexas relações de poder. As afirmações veiculadas em um discurso não são simples reflexos da realidade; Todavia, constituem construções sociais moldadas por intenções específicas de poder Foucault argumenta que “a verdade mais elevada já não residia mais do que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo” (Foucault, 2014.p.15). Desse modo, o sujeito discursivo, ao articular seu discurso, revela suas vontades de verdade, buscando apresentar enunciados que se alinhem a uma verdade percebida, demonstrando assim uma relação entre discurso e suas vontades de verdade.

Os sujeitos atravessam diversas experiências, resultando na construção de subjetividades. Essas subjetividades, por sua vez, representam complexos processos sociais que exercem influência significativa sobre o sujeito discursivo. Fernandes (2011) esclarece, por exemplo, que os modos de subjetivação são responsáveis pela criação de sujeitos singulares, mostrando a necessidade de analisar os discursos para identificar os procedimentos utilizados na produção da subjetividade e, conseqüentemente, na formação dos sujeitos.

Foucault (2014) argumenta que a subjetivação é um conceito complexo que se refere ao modo como os indivíduos se constituem como sujeitos numa determinada ordem discursiva e prática.

Revel (2005) fala de dois lados de subjetivação, sendo eles *modos de subjetivação* ou *processos de subjetivação*, assim ela enfatiza que

os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (Revel, 2005, p. 82).

A partir desse ponto, surge o *autor* – um dos objetos de estudo foucaultiano – como o elemento central das análises que fizemos, sendo considerado uma das variáveis do sujeito e ocupando uma das posições fundamentais no contexto. A função do autor no discurso é entendida como "um modo de existência do discurso" (Alves, 2015, p. 87).

Para Foucault, o autor é um elemento importante na análise de discursos, na compreensão do poder e da autoridade nas práticas discursivas. Sendo assim, Foucault fala que “o autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (Foucault, 2014.p. 26).

Quando o sujeito assume sua função-autoria, cada palavra que ele escreve ou profere ganha uma perspectiva única no discurso, transcendendo a mera condição de um sujeito genérico ou de um nome comum, como citado por Salma Tannus Muchail (2002) a “função-autor não resulta simplesmente da espontânea atribuição de um discurso a um indivíduo, mas de uma operação complexa que tem por efeito um ser de razão.”

Na próxima seção, apresentaremos como se dá a intersecção entre literatura e artes, trazendo um pouco da proposta que desenvolvemos com os alunos dos 9º anos.

UMA INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E ARTES

Neste estudo, concentramos nossa atenção na literatura e na ilustração, duas formas de expressão que têm dialogado ao longo dos séculos na história da humanidade e que refletem a sociedade de maneira única. Para tanto traçaremos um caminho que articule letramento literário e produção textual, atrelados ao ensino de língua e literatura, assim como a importância da interdisciplinaridade na Educação Básica para o desenvolvimento global do educando.

Consideramos para o desenvolvimento da proposta didática a compreensão da literatura como um estado da arte, um processo multissemiótico que atravessa a sociedade e os sujeitos que nela vivem assim como coloca Petit (2010):

A literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo do caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar suas experiências (Petit, 2010, p. 289).

Atrelado a essas concepções, trazemos a construção da literatura no ensino com Cosson (2018), que direciona um olhar sob o letramento literário. A literatura como a interpretamos está em constante mutação, refletindo as mudanças na sociedade, na cultura e nas perspectivas individuais. O letramento literário no ensino entra em confluência com a dinâmica da compreensão da literatura, sendo mais do que simplesmente ler e compreender textos literários, considera a capacidade de se envolver com a literatura de maneira crítica, analítica e criativa (Cosson, p. 25, 2018). À medida que evoluímos como leitores, nossas interpretações e apreciações literárias também se transformam. Portanto, não há um ponto final no letramento literário, mas sim uma jornada em que continuamente aprimoramos nossa compreensão, ampliamos nossos horizontes e exploramos novos significados nas obras literárias.

Além dessa premissa, consideramos a interação entre sujeitos algo indispensável na produção, Antunes (2022, p 24) aponta em seu texto que “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas”. Assim, para produzir um texto, considerando também os multimodais, é preciso, além de um repertório de leitura e uma compreensão do funcionamento da língua, um direcionamento do educando para o processo da escrita; é fundamental que compartilhe e interaja, que recorra às informações dialógicas. Afinal, escrever é, inerentemente, uma atividade de expressão e comunhão com os discursos no mundo.

Em paralelo ao ensino de literatura e produção textual na educação básica, abrimos espaço para uma breve discussão sobre a interdisciplinaridade – prática incentivada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que pressupõe a integração de diversas áreas de estudo no contexto da educação básica. Segundo o documento oficial, é fundamental “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas,

interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (Brasil, 2018, p. 16).

A interação entre disciplinas distintas proporciona não apenas a complementaridade dos conhecimentos, mas também a contextualização do objeto de estudo, ao recorrer a outras áreas do conhecimento. Dessa maneira, os alunos têm a oportunidade de obter um entendimento mais abrangente, construindo assim para um conhecimento mais global e integrado.

Proposta de Oficina de Escrita Criativa

Como evidenciamos, nosso trabalho é um desdobramento da pesquisa realizada no âmbito do projeto de extensão intitulado “O(A) discente e o retorno ao ensino presencial: uma análise dos processos de subjetivação para além do texto escrito” que recebeu apoio da Universidade Federal da Paraíba. Esta pesquisa tem como local de aplicação a EMEF Aruanda, situada na cidade de João Pessoa, na Paraíba. A inclusão dessas informações adicionais torna-se relevante mediante a justificativa de que a proposta aqui desenvolvida já foi aplicada em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II.

Assim, nossa proposta pedagógica planejou aprimorar a capacidade dos alunos de expressar ideias de maneira criativa e eficaz por meio da escrita, com ênfase no gênero literário conto. Diversas competências da BNCC foram ativadas, tais como: EF89LP33⁵; EF89LP35⁶. A previsão é que o professor que ministrará a oficina tenha espaço para de duas a três aulas – de 45 minutos cada. A fim de esclarecer de maneira mais eficaz o desenvolvimento das etapas da atividade, elaboramos um quadro para destacar o progresso da Oficina de Escrita Criativa:

Quadro 1: Oficina de Escrita Criativa

ETAPAS	PROCESSOS DE APLICAÇÃO
ETAPA I	Inicialmente, o professor apresenta aos alunos o gênero do conto, incentivando-os a compartilhar o que já sabem sobre esse estilo, se tiveram experiência com outros contos e quais características consideram fundamentais em uma narrativa desse tipo. Apresentação do autor deve ser feita partindo da sua biografia e sua estilística nas obras; Obs.: Nessa etapa da proposta, tivemos a honra de termos a autora Maria Valéria Rezende em pessoa para fazer sua apresentação e leitura do conto.

⁵ Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e considerando características dos gêneros e suportes.

⁶ Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

ETAPA II	Os alunos recebem cópias dos contos, porém com um detalhe crucial: o desfecho da história está ausente. A leitura é realizada em conjunto, com voluntários lendo parágrafos. Ao término da leitura, o professor conduz perguntas para guiar a discussão sobre possíveis desdobramentos da trama.
ETAPA IV	Nesta etapa, os alunos são incentivados a expressar suas teorias e impressões sobre o desfecho da história, discutindo as primeiras impressões sobre personagens, o espaço narrativo e o tipo de narrador empregado na narrativa.
ETAPA V	Agora, é hora dos alunos aplicarem sua imaginação. Sem terem lido o desfecho original, eles são desafiados a criar seus próprios desfechos para a história. O professor fornece orientações, mas dá espaço para a livre expressão, esclarecendo dúvidas conforme surgem.
ETAPA V	A partir dos textos elaborados pelos alunos, nesta fase, a condução da escrita criativa se dá por meio de uma abordagem multimodal, utilizando uma pintura que representa o desfecho escrito pelos estudantes.
ETAPA VI	Cada aluno lê em voz alta o desfecho que criou. Após todas as leituras, o professor revela o desfecho original do conto. Os alunos discutem suas impressões, se gostaram do final ou se tinham expectativas diferentes. É também uma oportunidade para compartilhar as sensações e desafios enfrentados durante a atividade de escrita criativa.

Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

Assim, a proposta pedagógica originada do nosso projeto buscou aprimorar a expressão criativa dos alunos, focando no gênero conto. O próximo tópico da nossa pesquisa é voltado a análise das materialidades discursivas geradas pela proposta didático pedagógica descrita anteriormente.

AS MATERIALIDADES DISCURSIVAS: A PRODUÇÃO DE SENTIDO

Elucidamos aqui, de maneira mais detalhada, como as materialidades discursivas – resultados da proposta da oficina criativa – se revelam mediante a perspectiva da teoria discursiva foucaultiana. Os textos aqui analisados são resultados da proposta de escrita criativa explicitada anteriormente. Essa amostragem partiu de 06 (seis) produções textuais elaboradas pelos alunos. Dessas produções, 03 (três) delas dizem respeito à criação de um novo final para o conto *Vasto Mundo*, de Maria Valéria Rezende (Etapa IV), e as outras 03 (três) se referem à representação por meio da ilustração do desfecho desse mesmo conto (Etapa V).

É interessante salientar que as diferentes modalidades de produções textuais analisadas – verbal e não-verbal – não correspondem, simultaneamente, aos mesmos autores. A intenção nessa percepção mais profunda é identificar as várias formas que o sujeito se coloca dentro dessas materialidades discursivas, e ainda, como os processos sócio-históricos refletem nessa transposição do discurso.

Para melhor compreensão, trazemos uma leitura crítica primeiramente das produções escritas que serão identificadas, respectivamente, como texto *A*, texto *B* e texto *C*; e, posteriormente, das ilustrações, sendo estas identificadas, respectivamente, como texto *D*, texto *E* e texto *F*.

Essas 3 (três) primeiras ilustrações citadas evidenciam uma produção escrita, e por isso, são materialidades em que há uma demarcação das marcas discursivas. Há aqui uma tentativa de mostrar como essas 3 (três) materialidades apresentam correlação – o que nos permitem perceber como os diferentes sujeitos discursivos materializam suas vontades de verdades.

Percebemos nos três primeiros textos – *A*, *B* e *C* – diferentes desfechos: no texto *A*, Preá, aparece envolto de uma mistura de sentimentos e incentivados pelas pessoas ao redor, decide subir até o final da torre, quando, no entanto, se depara com outra pessoa fazendo isso: Edilson, outro personagem apaixonada pela moça. O protagonista, assim, empurra seu oponente, em um momento de impulso, que acaba caindo e vindo ao óbito. A moça, assim, arruma as malas e vai embora com tudo que presenciou. Vejamos:

Quadro 1: Texto A

Ao levantar-se, Preá percebe que já havia uma grande quantidade de pessoas o esperando do lado de fora. Ele á estava certo de que iria cumprir com a exigência da moça. Ao sair de casa, caminhou em meio á multidão e sentiu sobre si os olhares cheios de ansiedade do povo, alguns o aconselhavam a não subir, outros o incentivavam e torciam por Preá. Sentindo seu coração acelerar, Preá não sabia se era angústia ou coragem. Para, diante da igreja e, como em um surto, ele entra. Enquanto isso, a moça o esperava incrédula, pensando no caos que tinha causado. Preá vê alguém subindo as escadas, era Edilson. Edilson para ao lado de Preá e se declara para a moça. Preá, incrédulo, o olha com desgosto, então ele empurra seu amigo por impulso e Edilson se esvai, caindo morto no chão. A moça, extremamente assustada, sai correndo, arruma as suas malas e, no dia seguinte, vai embora.

Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

No texto *B*, Preá apesar de sua paixão pela moça, decide enfrentar o desafio, porém, seu medo de altura é tão grande que quando chega ao final da torre, o personagem acaba desmaiando por medo. O personagem é então levado para o hospital, e fica envergonhado pelo acontecido, a moça, porém, considerou heroica a atitude de Preá e corajoso o enfrentamento de seu medo, decidindo, assim, namorá-lo. Vejamos o texto B:

Quadro 2: Texto B

Ele, nervoso, chega na igreja, mãos frias, pele pálida, tão nervoso que se tremia dos pés à cabeça. Mesmo assim, o menino persistia que iria subir no topo da igreja para conseguir o amor de sua futura namorada. Contudo, ele tem medo de altura, mas por sua paixão pela menina decide enfrentar seu medo, então ele subiu alguns degraus da escada e, chegando no décimo degrau, desmaia por medo. Levaram-no para o hospital, lá ele acorda envergonhado e a linda garota o admira por ter tentado enfrentar seu medo pelo amor que tem por ela. Então, ela decide namorá-lo.

Fonte: acervo dos pesquisadores, 2023.

Por último, no texto C, Preá mesmo com medo e apreensão decide subir à torre para declarar seus sentimentos. A surpresa acontece quando Preá, ao chegar no topo da torre, percebe que seu amor, na verdade, não era Leninha, mas Maria, que estava embaixo, no meio da multidão. O personagem decide, assim, seguindo seu coração, correr em meio à multidão e se declarar para Maria. Vejamos:

Quadro 3: Texto C

Já era manhã de domingo. Preá já estava pronto para subir até a torre da igreja, ele estava apreensivo e nervoso, suas pernas bambas já mostravam o seu medo. Chegando lá, em meio à multidão e atenção do momento, seus olhos avistaram Maria, seu antigo amor de infância. Isso o deixou mexido, o que fez ele pensar em desistir, mas a pressão da multidão fez com que ele continuasse. Chegando ao topo da torre ele percebeu que seu amor não era Leninha. Ele seguiu seu coração e correu para o meio da multidão e se declarou para Maria.

Fonte: acervo dos pesquisadores, 2023.

Apesar dos diferentes desdobramentos percebidos nessa escrita criativa há um sentimento que perpassa as três narrativas: o medo e a angústia:

Quadro 4: Sequências discursivas das produções

TEXTO A	“[...] Sentindo seu coração acelerar, Preá não sabia se era angústia ou coragem. Para, diante da igreja e, como em um surto, ele entra.” (Texto A, Acervo dos pesquisadores)
TEXTO B	“ [...] Contudo, ele tem medo de altura, mas por sua paixão pela menina decide enfrentar seu medo, então ele subiu alguns degraus da escada e, chegando no décimo degrau, desmaia por medo.”
TEXTO C	“ [...] Isso o deixou mexido, o que fez ele pensar em desistir, mas a pressão da multidão fez com que ele continuasse.”

Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

Todos os três textos, cada um por seu turno e mediante a função autoria, evidenciam o medo do protagonista ao tomar a decisão de pular do topo da igreja. Há uma força nessa relação/ exigência comandada pelo contexto situacional em que o personagem se encontra: Preá sentiu a necessidade de provar para a moça, para ele mesmo e para as pessoas a sua coragem. Essa força que perpassa esses sentimentos se insere no conceito de vontades de verdades, discutida por Foucault (2012). Ainda nesses desfechos, é possível perceber que o texto A atua em uma instância em que traz uma marca evidente do devaneio quando Preá mata seu oponente, que disputava os sentimentos de paixão do protagonista pela moça. Nessa relação pode ser percebido um sentimento de loucura, no qual, por impulso, o personagem Preá acaba levando à morte, a vida do outro personagem. Assim, a loucura, como pensada por Foucault (2014), atua enquanto um mecanismo de exclusão dos indivíduos, de maneira que

até os seus discursos, na sociedade moderna, são descredibilizados. Isso dá margem, por exemplo, ao que poderia acontecer após o ato cometido por Prêa: seria ele interdito? Considerado louco? Esses questionamentos caminham para possíveis desfechos e continuação das narrativas, que poderiam ser elaboradas pelos mais diversos sujeitos.

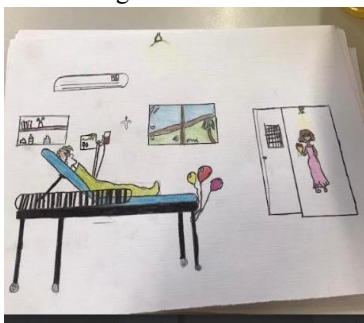
Enquanto o texto *B* apresenta um final considerado feliz para a narrativa, os textos *A* e *C* agem em uma instância diferente: com passagens de mortes e arrependimentos. Todos os três textos evidenciam as diversas maneiras de materialização dos sujeitos, apesar da mesma solicitação de atividade.

Isso também pode ser percebido nas materializações ilustradas, uma outra forma de expressão e materialização desse discurso que perpassa o texto escrito. Trata-se, pois, de uma nova forma de materializar esses discursos, presentes no nível da representação imagética. As representações em cada uma das cenas narrativas, transmitem, a seu modo, as singularidades do sujeito: sua função autoria.

Os diversos alunos, mesmo sob os mesmos comandos, produziram discursos diferentes. Ou seja: retratam suas impressões mediante seu processo sócio histórico. A marca de autoria, como destacado por Foucault (2014), consiste, deste modo, na forma como o sujeito organiza os enunciados e ressignifica seus sentidos, uma vez que cada sujeito, mediante uma dada condição de produção, atua na singularidade do dizer.

As ilustrações, frutos dessa proposta de escrita criativa, por exemplo, evidenciam que apesar de serem respostas à mesma solicitação de atividades, mostram um dizer diferente, (singularidades) como podemos perceber com as materialidades a seguir:

Imagem 1 – Texto D



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

Imagem 2 – Texto E



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

Imagem 3 – Texto F



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2023.

No texto *D* e *F*, por exemplo, as ilustrações revelam um desfecho que apresenta uma visão negativa do conto: nessa primeira ilustração citada, a composição da imagem revela

ambientar-se em um hospital. Isso pode ser percebido tanto pela maca⁷ na qual o personagem se encontra, como pela bolsa de sangue ao lado do personagem. Ainda nessa ilustração, podemos notar a presença de outra personagem.

Por falta de descrições, as ilustrações, bem como outras formas de demonstrações visuais, parecem apresentar um olhar muito mais subjetivo que dá margens para várias interpretações. A presença dessa personagem, por exemplo, poderia revelar que o desfecho criativo do autor sugere, conforme o contexto da história, se tratar da moça que o personagem principal, Preá, tinha sentimentos. Esta que pode ter se solidarizado pela tentativa do personagem subir na torre – o que pode ser evidenciado pelo seu estado; mas também, o sujeito aluno em função de autor, poderia ter criado uma nova personagem para esse desfecho. Teríamos, assim, uma outra personagem, que após ver toda a situação e o resultado, revela atração e admiração.

A ilustração presente no texto *F* é demarcada por uma retratação em que se apresenta um teor muito mais negativo do desfecho. Essa diferenciação pode, inclusive, se apresentar pela ausência de cores na imagem. A única cor, vermelha, que se apresenta na imagem, é representada pelo sangue derramado por um personagem nesse novo desfecho.

Nessa materialidade discursiva, há a presença de três personagens. Algumas possibilidades de interpretações poderiam ser que: a) Preá matou o outro personagem, que aparece na ilustração, por este revelar interesse pela moça a qual era apaixonado; ou b) outro personagem, que também gostava da moça, decidiu pôr fim à vida de Preá.

Além disso, a grande construção, com cruz e sino, revela que o autor manteve o desfecho no ambiente em que se passa o conto – a Igreja. Há nessa escolha um próprio jogo de discursos, em que se tem a Igreja como esse ambiente de paz e bondade. O desfecho, no entanto, da história demarca essa contradição, mostrando um final que vai de encontro aos princípios e valores⁸ que geralmente parecem se apresentar nesses ambientes. O clima chuvoso também presente na ilustração opõe-se à aparição do sol, em que geralmente se esperam encontrar coisas boas e felizes.

Em oposição a essas duas ilustrações, o texto *E* configura uma cena em que não aparecem traços; em nenhum momento, de algum incidente. Isso se evidencia tanto pelas

⁷ Leito formado com duas hastes rígidas e um tecido flexível esticado ao meio e que serve para transportar feridos ou doentes. (Dicionário online do Português).

⁸ Podemos ver nos últimos tempos na mídia, inclusive, várias notícias em que revelam as desconfigurações tidas nesses ambientes, em os próprios pertencentes às Igrejas parecem apresentar atitudes que vão de encontro aos ideais de suas religiões.

cores vivas que a ilustração apresenta, como também pela própria expressão facial dos personagens. A representação da figura de um coração, como geralmente desenhada pela maioria das pessoas – geralmente usado para simbolizar o amor, revelam esse desfecho feliz, em que uma das representações que se pode ter é que, Preá conseguiu subir na torre, conforme solicitado pela amada. Isto prova, nesta construção discursiva, seu amor por ela e, assim, fazendo com que os dois tenham ficados juntos e felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões discutidas ao longo deste trabalho evidenciaram que o processo de criação é profundamente moldado pelas experiências, interpretações e identidade dos criadores. Dessa forma, os textos escritos nestas transcrições artísticas não se limitam apenas em transmitir informações; eles representam uma oportunidade para os alunos explorarem seu lado autoral, permitindo que deem vida a processos de subjetividade por meio de suas expressões. Além disso, evidenciamos como o discurso se mantém presente nas produções dos alunos dos 9º anos, destacando sua relevância na dinâmica da sala de aula, a partir da proposta de atividade elaborada.

Como vimos, a proposta apresentada considerou uma análise a partir da articulação de áreas de ensino como literatura e artes. Reconhecemos o papel central dessas várias formas de expressão artísticas ao longo da humanidade que demonstram o processo de formação humana na construção do conhecimento e da identidade cultural. Defendemos, portanto, uma educação que forme indivíduos críticos, reflexivos, capazes de expressarem com liberdade seus discursos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marco Antônio Sousa. **A autoria em questão a partir de Foucault**: autor, discurso, sujeito e poder. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 22, n. 37, 2015.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília 2018.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário** / Rildo Cosson. – 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault**. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 34. ed. São Paulo, 2010.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais/Judith Revel; tradução Maria do Rosária Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

TANNUS, Salma. **Michel Foucault e o dilaceramento do autor**. 2002. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m16sm.pdf>. Acesso em: 09 nov de 2023